



Entre tradições locais e saberes transnacionais: subsídios para uma leitura “Sul-Sul” dos comércios de rua de Salvador e de Luanda

Between local traditions and transnational knowledge: contributions for a “South-South” reading of Salvador and Luanda street businesses

Orlando Almeida dos Santos¹

Resumo: O foco deste artigo incide sobre as práticas de comércio informal em duas cidades do atlântico: Salvador, no Brasil, e Luanda, em Angola. O estudo é realizado a partir de dados documentais e empíricos resultantes de pesquisas bibliográfica/documental e trabalho de campo de cariz etnográfico efetuado nas duas cidades. Examinamos de modo comparativo as conexões entre Salvador e Luanda, com particular destaque para a análise dos modos como as populações dessas duas cidades têm se apropriado dos espaços urbanos para prática de atividades comerciais “informais”, assim como assinalamos as formas como esses grupos de trabalhadores têm se apropriado dos nichos de modernidade e o modo como essa apropriação alimenta e reconfigura as estratégias de sobrevivência tradicionalmente usadas nos dois contextos.

Palavras-chave: Cidades do Sul, comércio de rua, tradição, globalização.

Abstract: The focus of this article is on informal trade practices in two cities in the Atlantic: Salvador, in Brazil, and Luanda, in Angola. The study is based on documentary and empirical data resulting from bibliographic / documentary research and ethnographic fieldwork carried out in both cities. I examine comparatively the connections between Salvador and Luanda, with particular emphasis on the analysis of the ways in which the populations of these two cities have appropriated urban spaces for the practice of “informal” commercial activities, as well as pointing out the ways in which these groups of workers they have appropriated the niches of modernity and the way in which this appropriation feeds and reconfigures the survival strategies traditionally used in both contexts.

Keywords: Southern cities, street commerce, tradition, globalization.

1 Docente do Departamento de Sociologia da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Agostinho Neto, Angola.

Introdução

As conexões socioculturais e históricas entre o continente africano e suas diásporas espalhadas pelo mundo têm sido sobremaneira reconhecidas e referenciadas por estudiosos dessa temática. Contudo, a ênfase apenas nas afinidades históricas entre povos africanos e comunidades afrodescendentes sem ter em consideração os processos e mudanças sociais ocorridas no continente africano relega a um lugar “secundário” as dinâmicas sociais contemporâneas que emergem tanto nas comunidades africanas como nas suas diásporas e que tem reconfigurado tradições culturais, aproximando experiências ou, ainda, combinando velhos e novos hábitos nos centros urbanos e/ou globais.

Na sequência do argumento acima apresentado, o foco deste texto incide sobre as práticas de comércio informal em duas cidades do atlântico: Salvador, no Brasil, e Luanda, em Angola. Examinado de modo comparativo as conexões entre as duas cidades, com destaque à análise dos modos como as suas populações têm se apropriado dos espaços urbanos para prática de atividades comerciais “informais”, assim como as formas como esses grupos de trabalhadores têm-se apropriado dos nichos de modernidade e o modo como essa apropriação alimenta e reconfigura as estratégias de sobrevivência tradicionalmente usadas nos dois contextos.

Na linha das abordagens Sul-Sul e dos novos questionamentos dos velhos paradigmas sobre tradição *versus* modernidade e local *versus* global, sugiro uma análise das dimensões socio-antropológica e transnacional das práticas da economia informal nesses contextos, visto que o local e o global interagem de maneiras extremamente complexas e que desafiam as tradicionais abordagens das ciências sociais sobre os chamados países do Sul.²

A partir do eixo central já apresentado, o texto estará ancorado na seguinte pergunta: *para além das afinidades históricas e culturais, amplamente apontadas, que elementos dos atuais contextos urbanos de Luanda e de Salvador podem fornecer subsídios de reflexão que nos permitam pensar, comparativamente, questões ligadas ao desenvolvimento, urbanização, identidade cultural, tradição e modernidade?*

2 cf. ROSA, Marcelo C. “Sociologias do Sul Ensaio bibliográfico sobre limites e perspectivas de um campo emergente”. Civitas Revista de Ciências Sociais, vol. 14, núm. 1, 2014, pp. 43-65. O cerne dessas abordagens postula que o Sul não pode ser definido por sua situação política e econômica, mas por sua posição intelectual. Nesse prisma, o uso do termo (do) sul – Southern em inglês- significa enfatizar as relações- autoridade, exclusão e inclusão, hegemonia, parceria, apoio, apropriação, - entre intelectuais e instituições na metrópole e na periferia do mundo. Assim, as chamadas teorias do sul seriam aquelas que pensam o mundo fora do eixo euro-americano, ou seja, aquelas que estabelecem uma ligação entre a teoria e o lugar nos quais os teóricos são provenientes, rejeitando o arraigado hábito mental pelo qual os cientistas sociais são admirados exatamente pelo grau em que escapam de lugares específicos para falar de abstrações universais.

As ideias e os argumentos aqui apresentados e discutidos, resultam de dados documentais (fontes primárias e secundárias), bem como de entrevistas, observação direta e reflexões registradas em diário de campo. Esses dados foram obtidos no âmbito das pesquisas de mestrado e de doutorado³. Importa, a título preliminar, salientar que o recurso a esses processos de “triangulação” visou otimizar e diversificar os tipos de informação recolhida: dados e análises da pesquisa documental e bibliográfica com os dados do trabalho de campo.

O texto está estruturado em três partes. Num primeiro momento, abordo as intersecções históricas entre Luanda e Salvador. Destaco o fato de se tratar de dois centros urbanos de origem colonial forjados em torno das relações atlânticas e que serviram historicamente como centros de comércio, transporte de economias agrícolas baseadas em mão de obra composta por populações africanas escravizadas. Desde aqui, ainda no âmbito dessa abordagem inicial, realço a presença histórica dos mercados e feiras como marca histórica e identitária das duas cidades. Para essa discussão faço recurso à literatura brasileira e africana que abordam essa temática. A seguir, traço um perfil das duas cidades, fazendo dialogar elementos históricos com dados etnográficos da realidade social contemporânea e assinalo aspetos particulares e elementos similares, com destaque para elementos relacionados ao contexto atual das atividades comerciais de rua nas duas cidades.

Por último, apresento o enfoque mais etnográfico do trabalho. Focalizo os aspetos mais contemporâneos dos contextos urbanos em análise, com particular realce para os aspetos ligados ao comércio de rua. Destaco o facto das duas realidades se consubstanciarem em espaços urbanos complexos que projetam múltiplas formas de vida, maneiras de atuar e modos próprios de construir a sua própria territorialidade⁴.

3 A pesquisa de mestrado resultou na dissertação intitulada “*Do pregão da Avó Ximinha ao grito das Zungueira: trajetórias femininas no comércio de rua em Luanda*”, defendida em 2010 no Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos (PÓS-AFRO) da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Por seu lado, a pesquisa de doutorado resultou na tese “*Dos Cantos aos Camelódromos: Comércio de rua e territorialidade negra no Centro Antigo de Salvador*”, defendida em 2015 no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da mesma universidade. Nesta tese analiso o cotidiano e as práticas do comércio de rua no Centro Antigo de Salvador sob o olhar da contemporaneidade, situando os contextos históricos nos quais se desenvolveram essas atividades. Busco refletir sobre as experiências relativas aos saberes e práticas mantidas e/ou adaptadas pelas populações bem como as relações sociais e as questões de territorialidade no contexto das suas trajetórias de vida. As reflexões sobre o mercado de trabalho local englobam o seu passado urbano, seus atuais aspetos e as configurações comerciais que representam um perfil marcante da cidade, desde a época colonial.

4 cf. MATTOS, Wilson Roberto de. *Negros contra a ordem: astúcias, resistências e liberdades possíveis* (Salvador, 1850-1888). Salvador: EDUNEB/EDUFBA, 2008, p.38. O mesmo autor entende a territorialidade como sendo “o processo relacional que define espaços e identidades permitindo transcender os limites do dado físico apenas, passando a referenciar-se, sobretudo, nas formas como grupos humanos específicos singularizaram prática e simbolicamente, portanto culturalmente, a ocupação de um espaço físico, ao mesmo tempo em que constroem o seu significado histórico-social”.

Um oceano, duas cidades: múltiplas experiências

“... Só quem sabe onde é Luanda, saberá lhe dar valor.”⁵
“Na origem de Salvador do Brasil tem semba, a razão do samba. Na origem daqui,
(..) do batuque da escravidão que rasgou ondas do oceano que foi parar até aí.”⁶

Os fragmentos das letras de música que apresento em forma de epígrafe vão ao encontro da ideia de uma relação de ancestralidade entre Brasil e Angola patente no imaginário social das populações dos dois países, frequentemente exteriorizadas através da música, da literatura, da gastronomia, da dança, das práticas filosóficas e religiosas. Nesse quadro, os estudos sobre as diásporas africanas espalhadas pelo mundo apontam a existência de processos de preservação e reelaboração de práticas socioculturais levadas por povos do continente africano durante a vigência do tráfico atlântico, tratam-se de práticas que viajaram com seus protagonistas através do oceano atlântico.⁷ Esses trabalhos, assinalam que essas práticas perduram até a atualidade nas comunidades afrodescendentes espalhadas pelo mundo, mesmo se aferidas as novas realidades políticas, socioeconômicas e culturais⁸. Sobre essa temática, assinala Furtado que

Os estudos africanos y compris as diásporas africanas, têm vindo a colocar uma importância crescente seja no continente africano seja nos demais continentes. Trata-se, obviamente, não de um mero modismo que, de tempos em tempos, assola as humanidades e as ciências sociais, mas sim de uma preocupação, a um só tempo, empírica e teórica na busca de entendimento de sociedades e formações sociais relativamente desconhecidas ou, então mal conhecidas⁹.

5 “Palco”, Gilberto Gil (Bahia-Brasil).

6 Banda Movimento, Angola.

7 A maioria dos estudos historiográficos e uma parte sustentável da literatura em ciências humanas e sociais contemporâneas conceitualizam as diásporas africanas – também denominadas de diáspora negra e/ou atlântica – como sendo um fenómeno sociocultural e histórico que ocorreu em países além África devido à imigração forçada de africanos, para fins escravagistas mercantis. Nesse sentido, as diásporas africanas reagrupariam os escravizados e seus descendentes bem como, em graus diferenciados, os que emigraram para as Américas e a Europa após o término da Escravidão cf. FURTADO, Cláudio Alves. Desafios teóricos e metodológicos nos estudos de África: possibilidades e limites. In: Maria Rosário de Carvalho [et al.] (Org.). *Estudos étnicos e africanos: revisitando questões teóricas e metodológicas*. Salvador: EDUFBA, 2014., p.20. Na mesma senda, Sweet define diáspora africana enquanto “*povos de descendência africana no contexto alargado da emergência de um mundo atlântico*”. SWEET, James H. *Recriar África: cultura, parentesco e religião no mundo afro-português (1441-1770)*. Lisboa: Edições 70, 2007, p.15.

8 M' BOKOLO, Elikia. *África negra: história e civilizações. Tomo II (Do Século XIX aos nossos dias)*. Salvador: EDUFBA; São Paulo: Casas das Áfricas, 2011. SWEET, James H. *Recriar África: cultura, parentesco e religião no mundo afro-português (1441-1770)*. Lisboa: Edições 70, 2007. ANDREWS, George R. *América Afro-Latina, 1800-2000*. São Carlos: EdUFSCar, 2007. ALENCASTRO, Luís Felipe. *O trato dos viventes: a formação do Brasil no Atlântico Sul*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

9 FURTADO, Cláudio Alves. Desafios teóricos e metodológicos nos estudos de África: possibilidades e limites. In: CARVALHO, Maria Rosário de [et al.]. *Estudos étnicos e africanos: revisitando questões teóricas e metodológicas*. Salvador: EDUFBA, 2014, pp.19-42.

É com base nessa perspectiva que Moore, chama a atenção para a necessidade de se superar a grande ignorância que impera entre nós sobre as realidades sociais africanas, tanto na África da Antiguidade como na África da contemporaneidade¹⁰. Como apontam Pantoja e Thompson “Apesar da atualidade das temáticas africanas no Brasil, uma trajetória longa nos espera para afrontar nossa ausência por tanto tempo dos debates e da produção sobre o conhecimento do continente africano”¹¹. Nesse sentido, determinados estudiosos têm sublinhado a necessidade de se articular estudos da história da África à das suas diásporas espelhadas pelo mundo, uma vez que consideram que essas pesquisas contribuem para avanços das pesquisas sobre o continente africano e para a história universal em geral¹².

Nesse aspeto, a cidade de Salvador, capital do Estado da Bahia situado no nordeste do Brasil, representa um espaço privilegiado que congrega práticas que evidenciam afinidades históricas e socioculturais com povos e regiões do vasto continente africano. Trata-se de uma cidade no limiar de cinco séculos de história e uma das ex-colônias urbanas mais antigas da América Latina que, por séculos, serviu como centro de comércio e transporte de economias baseadas em mão de obra escravizada africana. Vale lembrar que Salvador fez parte de um circuito que ligava Portugal, África e Brasil como partes de um sistema económico, social e cultural desigual, tecido em torno do atlântico.¹³

Como legado dessas influências, Salvador segue sendo uma cidade com traços fortes e expressiva da “cultura africana”¹⁴. A celebração dessa herança cultural africana tem resultado no seu reconhecimento enquanto espaço de produção cultural e investida de importância simbólica dentro do contexto brasileiro. O candomblé, os ritmos musicais, a capoeira e a culinária de dendê¹⁵ têm sido apontadas como os principais exemplos de expressões culturais de origem africana

10 MOORE, Carlos. *A África que incomoda: sobre a problematização do legado africano no quotidiano brasileiro*. Belo Horizonte: Nandyala, 2010, p. 57

11 PANTOJA, Selma; THOMPSON, Estevam C. (Orgs.). *Em torno de Angola: narrativas, identidades e as conexões atlânticas*. São Paulo: Intermeios, 2014, p.89.

12 cf. DEPELCHIN, Jacques. *Por una recuperación de la história africana. De África a Haití a Gaza*. Barcelona: Fahamu/oozebap, 2011. SLENES, Robert. *Na senzala, uma flor: esperanças e recordações na formação da família escrava – Brasil sudeste, século XIX*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

13 ALENCASTRO, Luís Felipe. *O trato dos viventes: a formação do Brasil no Atlântico Sul*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. COSTA e SILVA, Alberto da. *Um rio chamado Atlântico: a África no Brasil e o Brasil na África*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Ed. UFRJ, 2003. PANTOJA, Selma. *Uma antiga civilização africana*. Brasília: EDU, 2011.

14 SANSONE, Livio. Da África ao Afro: uso e abusos da África entre os intelectuais e na cultura popular brasileira durante o século XX. *Afro-Ásia*, Salvador, n. 24., p. 249-269, 2002. Para Sansone “a existência de uma cultura negra pressupõe a transmissão de padrões ou princípios culturais específicos de uma geração para outra, dentro de certos grupos sociais, os quais podem incluir uma multiplicidade de tipos fenotípicos de pessoas de ascendência africana. Essa transmissão se dá na família, na qual os pais ensinam aos filhos sobre seu passado, ou através das representações grupais nas quais as pessoas mais velhas ou as de conhecimento reconhecido sobre o que é tido como cultura negra socializam esse conhecimento com os demais”.

15 Sobre a influência africana na gastronomia brasileira Graham, ibidem, p. 22, afirma que “os africanos influenciaram profundamente os métodos de cozinha e na maioria dos casos, com uso abundante de azeite de dendê, pimentos, cocos e amendoim”.

reelaboradas em solo baiano e que têm servido para caracterizar a Bahia como "negra" e "africana"¹⁶. Outro foco é o adotado por Hita¹⁷ que reconhece a presença desse legado na forma de organização familiar de muitos lares afrodescendentes da Bahia, que apresentam um tipo de organização doméstica extensa matrifocal.

Aliado a essa presença marcante dos traços socioculturais de matriz africana, Salvador apresenta uma estrutura ocupacional de grandes desigualdades sociorraciais. Tendo em vista e na medida em que não é meu propósito aprofundar-me no debate sobre o tema, apresentarei apenas um esboço geral da literatura para destacar algumas teorizações de maior impacto. Entre eles se destacam os estudos que têm analisado comparativamente a inserção dos negros e dos não negros na estruturação social brasileira¹⁸. Esses estudos sinalizam a persistência das desigualdades sociorraciais na estrutura social e no mercado de trabalho, que têm impedido uma importante parcela da população afrodescendente de conquistar melhores chances de vida.

Argumentam-se, nessas pesquisas, que tais desigualdades estão presentes em diferentes momentos do ciclo de vida desses indivíduos, desde a infância, pela falta de acesso à educação de qualidade e pela inacessibilidade aos serviços de infraestrutura urbana. Elas cristalizam-se nas piores ocupações no mercado de trabalho e, por consequência, no impacto negativo do valor dos rendimentos obtidos e nas condições de vida dos afrodescendentes. É quase consensual entre os estudiosos da temática que, apesar da elevada e expressiva presença demográfica da população negra na sociedade brasileira, historicamente ela está entre os grupos sociais que enfrentam as maiores desvantagens sociais: exclusão socioeconômica, discriminação étnico-racial e violência.

No que concerne ao comércio de rua, dados de um levantamento sobre o perfil

16 DUNN, Christopher. A Roma negra e o Big Easy: raça, cultura e discurso em Salvador e Nova Orleans. *Afro-Ásia*, Salvador, n. 37, p. 119-151, 2008.

17 HITA, Maria Gabriela. *A casa das mulheres n'outro terreiro: famílias matriarcais em Salvador-Bahia*. Salvador: EDUFBA, 2014, p.17. Hita entende esse tipo de organização doméstica como “resultante tanto de ausência de políticas habitacionais adequadas até um passado recente, como também, no contexto estudado, como expressão de uma matriz cultural negra que se desenvolveu em Salvador e Recôncavo Baiano desde a época colonial”. Contudo, assinala que se trata de “um modelo recorrente em todo Nordeste brasileiro e muito se aproxima de experiências similares no Caribe e América do Norte, locais que também receberam contingentes expressivos de população negra escravizada proveniente do continente africano”. Com um outro enfoque, o historiador angolano Camilo Afonso, analisa o legado da oralidade dos povos da denominada região Congo-Angola presentes nas formas de transmissão de saberes nos terreiros de matriz bantu em Salvador. Cf. Camilo Afonso. *Educação tradicional do noroeste de Angola: formas de transmissão de saberes e sua presença na Bahia*. (Doutorado em Educação e Contemporaneidade) – Departamento de Educação, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2016.

18 Como os de HASENBALG, Carlos; SILVA, Nelson do Valle. *Estrutura social, mobilidade e raça*. São Paulo: Vértice; Rio de Janeiro: IUPERJ, 1988; SANTOS, Sales. *A formação do mercado de trabalho livre em São Paulo: tensões raciais e marginalização*. 1997. Tese (Doutorado em Sociologia) Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, Brasília, 1997; CASTRO, Nadya Araujo; BARRETO, Vanda Sá (Org.). *Trabalho e desigualdades raciais: negros e brancos no mercado de trabalho de Salvador*. São Paulo: Annablume/ A Cor da Bahia, 1998; COSTA, Lygia; RIBEIRO, Marcelo. *Estrutura ocupacional e o mercado de trabalho feminino nas metrópoles do Rio de Janeiro, São Paulo e Salvador nos anos 2000*. *e-metropolis*, (s/l), ano 1, n. 2, p. 35-35, Set. 2010.

socioeconômico de comerciantes de rua de Salvador revelam que, na cidade, os “microempreendedores” de rua são preponderantemente homens, de cor negra, com idade superior a 25 anos, com até o primeiro grau completo, chefes de família e que estão à margem do sistema previdenciário. Ainda de acordo com os dados da referida pesquisa, a expressiva participação de trabalhadores de cor negra pode ser também depreendida pelo recrudescimento do mercado de trabalho soteropolitano que atinge notadamente indivíduos de cor negra. Nesse contexto, avança a pesquisa, que “as atividades de rua de Salvador continuam a representar um importante mecanismo de geração de ocupação e renda, para indivíduos que são afetados em maior proporção pela austeridade do mercado de trabalho formal, especialmente mulheres e homens negros”¹⁹.

Importa destacar que as feiras-livres e o comércio de rua existem em Salvador desde os primórdios. As referências à presença do comércio no cotidiano da cidade incluem as descrições históricas sobre as ocupações de rua feitas à beira do cais e a venda a retalho de toda a sorte de gêneros e mantimentos nas ruas ao longo dos séculos XVIII e XIX. Nessas alusões, as denominadas “atividades de ganho” são apresentadas como uma característica da escravidão urbana, tendo sido desempenhadas principalmente por mulheres e homens negros para garantir a sua sobrevivência e para amear algumas poupanças. As pequenas atividades de venda eram um dos setores mais lucrativos dentro do conjunto das atividades comerciais e ocupações de rua²⁰

Entre os comerciantes de rua, as mulheres estavam concentradas na venda de frutas, iguarias e outros alimentos (como angu, mingau, mungunzá, milho assado, acarajé, banha de porco, mocotós, efós, carurus) com os quais abasteciam a massa de habitantes com comidas baratas vendidas nas ruas ou em pequenas bancas, ou ainda prestando todo tipo de serviço doméstico. Para além do comércio itinerante, também se dedicavam à venda em pequenos estabelecimentos improvisados designados por quitandas²¹. De modo geral, na quitanda, vendia-se desde a talha de barro e potes, até coentro, hortelã e demais tipos de tempero, além de doces e acarajé²². Os homens,

19 MATA, Henrique Tomé da Costa et al. *Observações sobre elementos distintivos do microempreendedorismo informal de rua na cidade de Salvador*. Salvador: FCE/UFBA, 2009.

20 Cf. MATTOSO, Kátia M. de Queirós. *Bahia: a cidade do Salvador e seu mercado no século XIX*. São Paulo: Hucitec; Salvador: Secretaria Municipal de Educação e Cultura, 1978; DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Senhoras e ganhadeiras: elos na cadeia dos seres*. In: *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1984. p. 83-113; SOARES, Cecília Moraes. *As ganhadeiras: mulher e resistência negra em Salvador no Século XIX*. *Afro-Asia*, Salvador, n.17., p. 57-71, 1996; GRAHAM, Richard. *Alimentar a cidade: das vendedoras de rua à reforma liberal (Salvador, 1780-1860)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

21 A palavra “quitanda” é um aportuguesamento do termo Kitânda, que deriva da língua kimbundu. Originalmente, a palavra faz alusão a espaços de comércio como feiras-livres e pequena barraca de negócios. No contexto brasileiro, a palavra manteve seu significado de origem, ponto de venda. Encontramos os seguintes significados: loja ou local onde se faz comércio; pequena mercearia, tenda; lojinha ambulante; tabuleiro com gêneros e mercadorias dos vendedores ambulantes; pequeno estabelecimento onde se vendem frutas, legumes, ovos, cereais, etc.; mercadinho; biscoitos, bolos e doces expostos em tabuleiro cf. RIBAS, Óscar. *Sunguilando. Contos tradicionais angolanos*, Luanda: União dos Escritores Angolanos, 1989. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. Curitiba: Positivo, 2009.

22 BORGES, Jafê (Org.). *Salvador era assim*. Salvador: IGHB, 2001. 2 v.

por sua vez, empenhavam-se em atividades como o carregamento de pessoas em cadeiras de arruar, o transporte de mercadorias e serviços de sapataria, carpintaria, alfaiataria, marcenaria, etc.²³.

Apesar de contribuírem para viabilizar o funcionamento da cidade, a trajetória histórica dessas atividades foi trilhada em recorrentes envolvimento e confrontos com os poderes públicos. Na tentativa de organização espacial da antiga cidade, as populações que exerciam o comércio de rua foram, repetidamente, acusadas de contribuir para enfeiar a cidade ou colaborar para permanência de hábitos considerados incivilizados que travavam o advento da modernidade.²⁴

Nesse contexto, comerciantes de rua passaram a ser responsabilizados por problemas urbanos, tais como o tumulto das vias, a desordem, a sujeira e a degradação dos espaços nos quais transitavam e vendiam. Assim, controlar, regulamentar, padronizar e disciplinar tornaram-se tarefas prioritárias dessas políticas no sentido de liquidar os focos de comércio de rua ou submetê-los ao controle da municipalidade. Contudo, apesar dessa pretensão do poder público em punir e disciplinar essas práticas, a partir da imposição de regulamentações e de normas higiênico-sanitárias, isso não significou o fim do comércio de mercadorias nas ruas. Elas continuaram presentes no cenário urbano de Salvador e nem sempre seguindo as regulamentações traçadas pela municipalidade.

Mesmo depois da abolição, assim como durante a vigência da República, a venda ambulante ou de tabuleiro, exercida por comerciantes que percorriam as ruas da cidade com seus produtos, ainda constituía a atividade predominante entre os afro-brasileiros, na medida em que lhes garantia certo grau de independência. Esses trabalhadores de rua viviam uma relação íntima com a dinâmica da cidade. Nada escapava aos seus olhos e, principalmente, aos seus ouvidos. Eles eram, dentre outros, os que contavam, de boca a boca, as novidades que se passavam na cidade, prática que em Salvador costuma se chamar de ‘correio nagô’²⁵.

Durante a vigência da República, a crítica às formas de comércio de rua e de modo particular à venda de comida na rua trazia implícita a associação dessas formas de comércio ou

23 MATTOSO, Ibidem; SOARES, ibidem; FERREIRA FILHO, Alberto Heráclito. *Salvador das mulheres: condição feminina e cotidiano popular na Belle Époque imperfeita*. 1994. 224p. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1994. REIS, João. De olho no canto: trabalho de rua na Bahia na véspera da abolição. *Afro-Ásia*, Salvador, n. 24, p. 199-242, 2000. DURÃES, Bruno. *Trabalhadores de Rua de Salvador: precários nos cantos do século XIX para os encantos e desencantos do século XXI*. 2006. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Estadual de Campinas. PAIM, Márcia Regina da Silva. *Do Sete a São Joaquim: o cotidiano de “mulheres de saia” e homens em feiras soteropolitanas (1964-1973)*. 2005. 151p. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005. GRAHAM, ibidem.

24 Vale notar que a concepção de modernidade, assim como a visão de urbanidade que orientaram os seus projetos de modernização, considerava o abandono das tradições, espelhadas nos hábitos e costumes de origem africana, como imprescindível para que a sociedade baiana se modernizasse (cf. UZÊDA, 2009; SAMPAIO, 2005; FERREIRA FILHO, 1993; REIS, 1993; 2000, 2008).

25 SANTOS, Flávio Gonçalves dos. *Economia e Cultura do Candomblé na Bahia: o comércio de objetos litúrgicos afro-brasileiros – 1850/1937*. Ilhéus: Editus, 2013.

venda de rua com a escravidão ou com costumes considerados tipicamente “africanos”. A associação dessas atividades com o passado africano as marcava como signos de desprestígio social. Assim, elas foram, repetidamente, acusadas de contribuir para enfeiar a cidade ou colaborar para permanência de hábitos considerados incivilizados e que travavam o advento da modernidade.²⁶ Consuelo Sampaio descreve os aspetos contraditórios causados por esses ideais modernizadores:

É preciso lembrar que as transformações em processo na cidade, no sentido de torná-la mais ampla, limpa, saudável e funcional, atendiam a uma demanda premente da elite política e empresarial, que desejava pôr em prática ansiado projeto de modernizar, à semelhança do vigente na Europa. Era preciso que a Bahia se civilizasse, que a grande maioria da população, na qual predominavam os negros, mulatos e brancos pobres, mudasse seus hábitos, considerados primitivos, e abandonasse valores tradicionais arraigados em seu cotidiano. Os choques seriam inevitáveis, nesse processo de modernização excludente, desenvolvido de cima para baixo, com total despreocupação e desprezo pelos que compunham as camadas inferiores da sociedade²⁷

Após um longo período de estagnação econômica, e com o novo impulso de crescimento pela descoberta de petróleo, em 1949, dá-se uma nova dimensão à economia de Salvador e de todo Recôncavo na Bahia de Todos os Santos. A década de 1950 se caracteriza pelo elevado fluxo de migrações populacionais do interior do Estado para Salvador e pelo acelerado processo de industrialização em curso nesse período, dois fatores associados à sua forte expansão urbana. Nesse contexto, a cidade começa a atrair novos movimentos migratórios, já não apenas do campo para cidade, mas também de regiões do sul e sudeste, gerando um amplo aceleração demográfica: sua população, de 290.400 habitantes em 1940, passou para mais do dobro em apenas duas décadas, alcançando um total de 655.700 em 1960 e saltando para um milhão em 1970. Em 2000, Salvador já tinha 2,5 milhões de habitantes em meados dos anos 2000²⁸. Essa demanda demográfica para Salvador vai implicar uma frenética busca por ocupação e habitação. É nesse quadro de escassez de postos de trabalho que esse contingente de populações recém-chegadas à Salvador vai se ver impelido em criar formas de trabalho e ocupação para si próprios, quer reconfigurando as velhas formas de práticas de comércio, quer inventando e/ou mantendo formas tradicionais de comerciar.

26 É importante lembrar que as tentativas de regulamentação do comércio e das profissões, para além de visarem inibir essas atividades na cidade, buscavam a viabilização da cobrança de impostos.

27 SAMPAIO, Consuelo Novais. *50 Anos de Urbanização Salvador da Bahia no Século XIX*. Rio de Janeiro: Versal ; Salvador: Odebrecht, 2005, p. 85.

28 cf. GORDILHO, Ângela. Favelas, invasões e ocupações coletivas nas grandes cidades brasileiras: (Re)-Qualificando a questão de Salvador – BA. *Cad. Metrop.*, São Paulo, n. 5, p. 63-90, 2001; CARVALHO, Inaiá Maria Moreira de; ALMEIDA, Paulo Henrique de; AZEVEDO, José Sérgio Gabrielli de. Dinâmica metropolitana e estrutura social em Salvador. *Tempo Social*; Rev. Sociol. USP, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 89-114, nov. 2002; ESPINHEIRA, Gey; SOARES, Antonio Mateus de Carvalho. Pobreza e marginalização: um estudo da concentração e da desconcentração populacional nas metrópoles latino-americanas: o caso de Salvador, no Brasil. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, ABEP, 15., 18-22 set. 2006, Minas Gerais; HEINONEN, Noora. A Cidade alta em alta? Circuitos e cenários das dinâmicas comerciais do centro velho de Salvador. *GeoTextos*, (s/l), v. 1, p. 81-116, 2005.

Na outra margem do atlântico, encontra-se Luanda, capital e principal cidade de Angola que, tal como Salvador, desde a sua origem foi um entreposto comercial e, simultaneamente, um centro político-administrativo e militar. A fundação de Luanda marcou o estabelecimento da primeira cidade que os europeus edificaram no litoral Atlântico do ocidente do continente africano. Primeiramente designada de vila, em 1605 foi elevada a foros de cidade²⁹. Luanda passa a refletir, desde então, as preocupações arquitetónicas de outras cidades fundadas por portugueses no Brasil, tais como Salvador e Rio de Janeiro. Esta cidade africana, enquanto entreposto comercial, implicou a concentração de população para realizar o trabalho produtivo de que necessitava.³⁰

Dados históricos nos dão conta que, as práticas comerciais bem como a presença de mulheres vendedoras (quitandeiras) nas ruas de Luanda, começa a evidenciar-se a partir do século XVII, desenvolvendo estas, desde então, uma forte atividade comercial que as uniam a uma complexa e variada rede de serviços de compra e venda³¹. Cabe assinalar que, no período em referência, a importância dos produtos comercializados e da atividade praticada por esses comerciantes, sobretudo mulheres, não se devia somente ao fato de fazer parte da cesta básica dos “*luandenses*” mas também, ou sobretudo, por constituírem farnel de escravos embarcados para o Brasil. É nesse sentido que o Terreiro Público surge como uma instituição virada para a economia atlântica, ligando o *hinterland* luandense ao Brasil e, por via desse, à Europa.³²

Por esse motivo, será importante assinalar que, por essa altura, as atividades desenvolvidas por essas comerciantes estão interligadas às atividades principais da economia vigente, na medida em que estas são abastecedoras de alimentos da cidade, junto com a atuação do Estado, e ligadas diretamente ao grande negócio do abastecimento dos navios negreiros e aos milhares de escravos que esperavam para serem embarcados e dos que chegavam do sertão, estando desta feita a sua atividade interligada à grande cidade/Porto de Luanda.

A esse respeito e reportando-se às trocas que se deram entre essas duas margens do Atlântico, Pantoja refere que antes de aportarem no Brasil, as “quitandas” eram um fenómeno tipicamente africano, espalhados por todo o continente. Pantoja aborda, também, as ressignificações sofridas pela actividade na sua travessia pelo atlântico:

29 LOPO, Júlio de Castro. *Uma rica dona de Luanda, Portucale*. Porto: Imprensa Industrial Gráfica, 1948; VENÂNCIO, José Carlos. *A economia de Luanda e hinterland no século XVIII: um estudo de Sociologia Histórica*. Lisboa: Editorial Estampa, 1996.

30 BETTENCOURT, José de Sousa. *Subsídio para o Estudo Sociológico da população de Luanda*. Boletim do Instituto de Investigação Científica de Angola 1 (1965), pp.83-130.

31 PANTOJA, Selma. A dimensão atlântica das quitandeiras. In: FURTADO, Júnia Ferreira (Org.). *Diálogos Oceânicos: Minas Gerais e as novas abordagens para uma história do Império Ultramarino Português*. Belo Horizonte: UFMG, 2001, p. 45-67.

32 PANTOJA, Selma. A dimensão atlântica das quitandeiras. In: FURTADO, Júnia Ferreira (Org.). *Diálogos Oceânicos: Minas Gerais e as novas abordagens para uma história do Império Ultramarino Português*. Belo Horizonte: UFMG, 2001, p. 45-67. VENÂNCIO, José Carlos. *A economia de Luanda e hinterland no século XVIII: um estudo de Sociologia Histórica*. Lisboa: Editorial Estampa, 1996.

As kitandas viraram quitandas quando as práticas dessas vendedoras atravessaram o Atlântico a bordo dos navios negreiros. Mas, por aqui, o negócio adquiriu outros contornos. Mulheres negras, escravas, forras e livres armavam seus tabuleiros nas ruas de Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e até mesmo Minas Gerais, vendendo produtos alimentícios e utilidades para o cotidiano dos habitantes. À primeira vista, já se diferenciavam das angolanas pela diversidade de trajes e adornos. Afinal, o fluxo de pessoas no Brasil colônia era de origem muito diversificada: vinha gente de todas as regiões africanas³³.

Num outro estudo sobre essa dimensão atlântica das quitandeiras e reportando-se ao contexto de Luanda, Pantoja ilustra como a documentação administrativo-colonial sobre o século XIX tem feito escassas referências à atividade das quitandeiras, tornando-as figuras anônimas, uma vez que as referências feitas ao seu respeito são sempre indiretas e ocasionais. Nesse sentido, aponta a mesma autora, que a desvalorização social desse tipo de serviço pode ser visto pelo lugar secundário que elas ocupam na documentação oficial da época, frequentemente descrito como pequeno, pobre e fedorento.³⁴

Os aspetos referenciados nos trabalhos de Pantoja, a que temos feito alusão, dizem respeito à regulamentação e restrições a que estavam sujeitas as quitandeiras luandenses revendedoras e, posteriormente, o incremento das disputas entre quitandeiras africanas e emergentes comerciantes europeus por vagas em feiras e mercados. Nesse sentido, o poder público passou a demandar uma série de ações no intuito de controlar e regulamentar as feiras livres de Luanda. A construção de recintos padronizados destinados ao comércio foi uma das estratégias para eliminar as feiras livres. O seu objetivo era, a curto e médio prazo, liquidar as feiras livres ou submetê-las a seu controle. Era fundamental, dentro da construção do urbanismo progressista, disciplinar e controlar os locais que não obedeciam às regras e estavam completamente sob domínio popular. Deste modo, os espaços das feiras livres, que antes estavam sobre o controle popular agora passam à ação disciplinar dos mercados e do poder público municipal. No espaço popular, onde as regras sociais não eram a da racionalidade econômica capitalista, houve embates às determinações do poder público. As atividades mercantes exercidas no espaço público passam, deste modo, a representar um fator de conflito entre comerciantes e o poder público.

Ainda no âmbito da realidade social angolana, e tendo já apresentado um breve panorama histórico das atividades comerciais nos contextos do tráfico atlântico e da colonialização, cabe agora discorrer acerca das características dessas atividades na transição do colonial a proclamação da independência. Numa primeira instância, vale sublinhar que a sociedade angolana independente

33 PANTOJA, Selma. “Da Kitanda à quitanda”, *Revista de História*, Set. 2008 Disponível em: <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/artigos-revista/da-kitanda-a-quitanda>. Acesso: 09 outubro de 2009.

34 Idem.

passou por processos de profundas alterações na estrutura política e socioeconômica do país, como resultado de transições que ocorreram em simultâneo, dentre as quais: i) a transição de um regime político monopartidário para um regime democrático pluralista; ii) a transição de uma economia de planificação centralizada para uma de mercado; iii) a transição de um período de guerra para outro de paz, o que pressupôs uma reorientação do processo de planificação política de situação de emergência para outra de desenvolvimento de longo prazo³⁵.

As circunstâncias em que se deu a independência do país, em 1975, determinaram profundas alterações no modelo político-econômico de Angola. O comércio interno, pela instauração de um monopólio de Estado³⁶, passou a garantir o abastecimento das populações através de empresas estatais grossistas e retalhistas³⁷. Nesse período, o sistema de preços deixa de traduzir os custos reais de produção e a escassez relativa dos recursos e produtos, as unidades industriais enfrentam problemas diários de elaboração, decorrentes de paralisações, cortes de energia, falta de matérias primas, ausência de enquadramento técnico e gestão. A escassez de produtos, os seus racionamentos e distribuição centralizada, associados a um crescimento acelerado da população e ao esvaziamento progressivo do poder de compra dos salários da função pública, refletiram-se rapidamente na procura desses bens³⁸.

Assim, a busca por obtenção de rendimentos adicionais no então chamado “mercado paralelo”, denominação atribuída aos focos de atividades económicas fora do circuito estatal que começavam a surgir, nos últimos anos da década de 1970, sobretudo nos bairros periféricos de Luanda foi a tentativa da população para responder à demanda socioeconômico desse período.

Perante o incremento das práticas económicas designadas por “paralelas”, vamos assistir a uma atitude de reação repressiva por parte das autoridades públicas e, à medida que se acentuava a crise económico-social e se configuravam os elementos potenciais de uma explosão social de consequências imprevisíveis, impõe-se a necessidade de se ter em conta o fenómeno “mercado paralelo” e de tentar contê-lo. Adotando um tom agressivo, declara-se em finais da década de 1980 guerra a essas práticas económicas apelidadas por “candongas”³⁹.

35 INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA E SOCIAL. *O impacto da economia informal na redução da pobreza e exclusão social – Interação com a proteção social – O caso de Angola. 2006 (Draft).*

36 De salientar que esse processo de estatização das economias foi semelhante em quase todas as ex-colónias portuguesas em África: Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe.

37 RODRIGUES, Cristina U. *O trabalho dignifica o homem. Estratégias de sobrevivência em Luanda.* Lisboa: Edições Colibri, 2006.

38 ROCHA, Manuel J. Alves da. “Ensaio de um balanço crítico”. *Economia e Socialismo.* Revista Trimestral de Economia e Política, ano X, nº69/70 (1986), p.109-118.

39 Trata-se de um termo que entra no vocábulo do português falado em Angola para designar o negócio ilícito e clandestino enquanto fonte de rendimento, enriquecimento ou especulação no mercado paralelo ou comércio de rua. Nesse sentido, é candongueiro o sujeito que exerce uma atividade à margem da lei. Inicialmente aplicada a todo tipo de atividades paralelas que se começaram a multiplicar no final dos anos 1970, no quadro da economia centralizada de matriz socialista, a designação acabou recentemente por ficar confinada aos operadores envolvidos no transporte não oficial de passageiros e mercadorias. Atualmente e apenas neste último caso, verifica-se uma tendência para

De 1992 a 2002, Angola viveu uma das fases mais contundentes de um conflito que iniciara com a luta pela independência do país ⁴⁰. Nesse aspeto, a cidade de Luanda devido à relativa estabilidade sociopolítica, constituiu o principal pólo de atração para migrações internas. Estima-se que no ano de 2002, numa cidade inicialmente projetada para albergar 500 mil habitantes, viviam em Luanda mais de quatro milhões de pessoas, sendo muitas vezes referidos valores próximos dos quatro a cinco milhões.⁴¹ Conforme destacam Robson & Roque:

Luanda, a capital do país, sob uma pressão tem conhecido um explosivo e descontrolado crescimento populacional induzido pelas sucessivas vagas de guerra, pelos imigrantes atraídos à cidade pela miragem de melhores condições de vida e por elevadas taxas de crescimento natural. ⁴²A cidade constitui o refúgio mais procurado durante as guerras que tiveram lugar ao longo dos anos 90. A cidade estendeu-se ainda mais, foram ocupadas áreas novas nos municípios de Cacuaco, Samba, Viana e Kilamba Kiayi⁴³

Esta súbita concentração de pessoas nas áreas urbanas, aliada às mudanças estruturais que ocorreram na economia angolana devido ao conflito armado, gerou uma procura acentuada por trabalho e forçou um grande número de pessoas a encontrar várias formas de sobrevivência nas atividades informais. A cidade de Luanda, apesar de mais segura, não apresentava postos de empregos suficientemente disponíveis. O poder público foi incapaz de criar novos empregos ao mesmo ritmo em que as populações migravam para as cidades. Não teve também capacidade de assistir condignamente estas populações que, impossibilitadas de aceder a empregos no sector formal, “inventaram” empregos para si próprios e para os seus familiares. Abriu-se, deste modo, o caminho para o enorme desenvolvimento das atividades comerciais informais, verificado nos inícios da década de 1990.

Nesse quadro, no atual contexto de Luanda, a amplitude e as dimensões tomadas pelas atividades comerciais de rua têm sido apresentadas como consequência dos efeitos e fatores provocados pela situação de conflito armado, pela crise social e econômica⁴⁴ e pela urbanização

substituir o termo candongueiro por taxista.

40 Um dos efeitos do quadro de transformações sociais que caracterizaram a cidade de Luanda acentuou a sua característica cosmopolita, albergando populações vindas do interior do país, mas também pessoas das diferentes partes do globo, particularmente o crescente número de imigrantes provenientes de países africanos.

41 Dados do Censo de 2014 apontam que, nesse período, Luanda continua a ser a província mais habitada do país, com 6 945 386 de residentes. Por essa altura, a população residente em Angola era de 25 789 024 de habitantes, dos quais 12 499 041 do sexo masculino (48%) e 13 289 983 do sexo feminino (52%) (INE, 2016).

42 O conflito militar agudizou o isolamento e a crise econômica nas zonas rurais e contribuiu para o abandono do campo para as cidades, sobretudo da população jovem, mesmo quando a segurança não estava em causa. As pessoas migram (e se deslocam por isso) e por vezes se declaram deslocadas por várias razões: não apenas devido a uma ameaça direta ou a um acontecimento definido, mas também devido ao colapso da economia, a um sentimento de insegurança, a rumores ou boatos de ataques iminentes ou por sentirem uma ausência de perspectiva e de esperança no lugar onde vivem cf. ROBSON, P. e ROQUE, S. Aqui na cidade, nada sobra para ajudar. Luanda:ADRA, DW, 2001.

43 Robson; Roque, *idem*, p. 34.

44 cf. CARVALHO, Paulo de. Angola. *Quanto tempo falta para amanhã? Reflexões sobre as crises política,*

acelerada⁴⁵ que o país atravessou e as suas repercussões e, a um nível mais global, as transformações do papel assistencialista do Estado e das reconfigurações verificadas no mercado de trabalho ⁴⁶.

Nesta descrição da evolução urbana e das principais dinâmicas socio-espaciais ocorridas nessas duas cidades, destaquei os processos de reformas urbanas e o caráter segregacionista das concepções de urbanidade e modernidade que estavam na base dessas políticas públicas. A seguir, situo as atividades comerciais de rua dentro desse contexto e assinalo os impactos dessas transformações físicas e simbólicas no modo de ser e de estar dos indivíduos que exerciam essas atividades.

Arreiôis em Luanda e camelódromos em Salvador

Neste ponto, focalizo os aspetos mais contemporâneos da economia informal observados no contexto das duas cidades. Tratam-se de análises que espelham os cenários, os circuitos, os atores, as interações sociais, as práticas de venda, as especificidades e as semelhanças do cotidiano do comércio de rua nos dois espaços estudados. Importa sublinhar que, no contexto deste trabalho, o termo comércio de rua é utilizado, de forma genérica, para fazer menção ao comércio realizado nos arredores de armazéns, feiras e mercados municipais, vias públicas, praças, ladeiras e largos, ou seja, em todos os espaços públicos pelos quais comerciantes informais transitam e trabalham⁴⁷.

Na atualidade do contexto de Luanda, uma área de grande concentração de comércio de rua ficou conhecida popularmente por *arreiô*. Este termo é usado comumente pelas mulheres comerciantes ambulantes, localmente designadas por *zungueiras*⁴⁸ que, em forma de pregão, anunciam a baixa de preços de venda nesses locais. Os arreiôis agregam práticas de venda bastante diversificadas, que vão desde produtos globais como a venda de roupas, utensílios de casa, bolsas, calçados, eletrodomésticos, material escolar, acessórios de beleza para senhoras, artigos de perfumaria, cosméticos, CDs e DVDs pirateados (para citar apenas algumas). De outro lado, verifica-se um comércio de comida de rua, de câmbio de divisas⁴⁹, serviços de transporte de mercadorias, comércio

econômica e social. Oeira: Celta, 2002; _____. “Política cambial seletiva”. In.: *NGOLA - Revista de Estudos Sociais*. V.1, nº 1, 1997, pp. 219-247.

45 RODRIGUES, Cristina. “Da delimitação colonial rígida da mobilidade social às estratégias de sobrevivência e reprodução social diversificadas: análise das formas de dispersão e concentração de recursos econômicos e sociais em Luanda e Maputo”. Comunicação apresentada durante o Congresso *Lusofonia em África: História, democracia e integração africana*. CODESRIA, Maputo, 12 a 14 de Maio 2005.

46 NZATUZOLA, João Baptista Lukombo. *População e Mercado de Trabalho em Angola: Alguns elementos essenciais e as suas incidências sobre o emprego e o desemprego em Luanda*. Luanda: Editorial Nzila, 2006; VAN-DÚNEM, José Octávio Serra. “Breve abordagem entre o mercado de trabalho e a pobreza: o caso de Luanda”. *Cadernos de Pesquisa*. Cunene: Diocese do Cunene, p. 17-24, 2004.

47 SANTOS, Orlando. “Mamãs Quitandeiras, Kinguilas e Zungueiras: trajetórias femininas e quotidiano de comerciantes de rua em Luanda”. *Revista Angolana de Sociologia*, n.º 8, pp. 35 - 61, 2011.

48 Falar da presença de *zungueiras* (mulheres comerciantes ambulantes) tornou-se marcante no quotidiano de Luanda, sobretudo pelos fluxos de vendedores ambulantes verificados a partir de 1992, que vão também reativar a velha tradição de cantar e poetizar o quotidiano da mulher comerciante luandense cf. *Ibidem*.

49 Este tipo de atividade começou a ser desenvolvida por mulheres habitualmente denominadas por *kinguilas*. Pelo

de raízes afrodisíacas, fardos de roupa usada, serviços das tranças e acessórios de viaturas. Também fazem parte da lista a venda de água, refrigerantes, cerveja, whisky, bem como uma forte comercialização de alimentos dentre os quais coxas de frango, peixe e carnes⁵⁰.

No contexto luandense, os *arreiôis* constituem verdadeiros shoppings populares. Algumas das principais características desses espaços são a falta de saneamento básico, a acumulação de lixo provocada pela intensa movimentação comercial e a insegurança dos seus operadores, fruto das ações de meliantes e todo o tipo de excessos cometidos por agentes de fiscalização municipal.

Uma outra característica desses espaços diz respeito ao facto do comércio de rua ser exercido predominantemente por mulheres. As mulheres são aos milhares, deambulando de um lado para o outro, da estrada ao asfalto e vice-versa, é quase impossível transitar por estas paragens e não se esbarrar numa vendedora a oferecer os produtos que comercializam, quer se esteja a pé ou de viatura. Em datas festivas como Carnaval, dia dos Namorados, 25 de Dezembro e passagem de ano, os produtos de época alteram o cenário destes espaços⁵¹.

Na prática, os vendedores ambulantes tornam-se os principais redistribuidores de mercadorias e, conseqüentemente, os principais formadores de hábitos de consumo entre os luandenses. São eles quem se encarregam da distribuição dessas mercadorias para os consumidores, influenciando as suas práticas de consumo. E são eles que se encarregam de proliferar aquilo que está na moda, o que está em alta, ou seja, o que “está a bater”, usando a gíria luandense.

As observações efetuadas mostram como esses espaços vão adquirindo cada vez mais uma configuração cosmopolita que, de certa forma, tem implicado reajustes constantes, como a atualização das técnicas de venda ou a introdução da prática de venda por consignação. É notória nesses espaços a presença de comerciantes provenientes de outras partes do globo, dentre os quais destacamos uma presença marcante de indivíduos provenientes do Mali, Costa do Marfim, Guiné Conakry, República Democrática do Congo, Nigéria, Senegal, e China, só para citar alguns. A título de exemplo, assiste-se ao aparecimento de vendedores ambulantes de origem asiática que, com as

que consta, esta palavra provém da língua *kimbundu*, significando esperar, estar à espera ou à espera de algo. A expressão passou a ser usada pelos luandenses para identificar as mulheres engajadas no comércio informal de divisas. O fato dessas cambistas informais se estabelecerem preferencialmente nas esquinas da cidade, nas ombreiras e entradas dos prédios ou nas imediações dos mercados municipais e aglomerações de comércio de rua, fez com que passassem a ser designadas por *kínguilas*, ou seja, “as que esperam”. As *kínguilas* encontram-se espalhadas por quase todos os bairros de Luanda. No exercício da sua actividade, procuram estabelecer-se nos lugares mais movimentados ou nos locais onde seja possível estacionar o carro com facilidade. Geralmente sentadas, em cadeiras ou bancos improvisados, agitam enormes maços de notas de *kwanzas* e, mais recentemente, cartões de recarga telefônica, tendo frequentemente ao seu lado um tabuleiro contendo anéis, brincos e correntes em ouro. cf. SANTOS, Orlando. “Do pregão da Avó Ximinha” ao grito da Zungueira. *Trajectórias femininas no comércio de rua em Luanda*, Dissertação de Mestrado em Estudos Étnicos e Africanos, Salvador: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.

50 Ibidem.

51 Ibidem.

suas técnicas e conhecida perícia nos negócios, fazem frente aos nacionais comerciantes ambulantes.

Assim, a presença de indivíduos, vindos de outras regiões do continente africano, bem como dos oriundos de outras partes do globo, tem sido responsável por muitas das dinâmicas e inovações observadas no comércio de rua em Luanda, na medida em que trazem as suas experiências empresariais, inovações tecnológicas e técnicas de venda.

Desde a minha chegada a Salvador, tive a oportunidade e o privilégio, para a realização da minha pesquisa de doutorado, de residir no centro antigo da cidade, nas regiões do Dois de Julho e do Campo Grande. Transitar por esses locais proporcionou-me outro contato, mais direto, que operou como crucial, assim como o de minhas experiências anteriores sobre comércio de rua. Nessa região, a pesquisa se centrou em focos de comércio de rua presentes na Avenida Sete de Setembro e no Largo Dois de Julho⁵², duas áreas importantes da cidade. Através da observação direta, adentrei nesses espaços físicos e simbólicos. Participar do cotidiano desses contextos permitiu-me certa familiaridade com determinados cenários do comércio e das sociabilidades nos quais comerciantes e clientela conversam, interagem, trocam ideias e dão risada, estabelecendo um tipo de relações sociais que dispensa formalidades que em outros contextos seriam imprescindíveis⁵³.

Na contemporaneidade, este espaço constitui uma região importante para a memória histórica da cidade que reflete, ao mesmo tempo, as formas atuais da sua vida e do seu passado⁵⁴. Numa breve descrição da paisagem de Salvador, cabe mencionar a existência de um conjunto significativo de igrejas, monumentos e casarões de reconhecido valor histórico. O Centro Antigo de Salvador- CAS, ainda hoje, continua como detentor de uma “centralidade simbólica”. Ou seja, *ele*

52 Um maior detalhamento histórico e etnográfico da Região do Dois de Julho pode ser encontrado no segundo capítulo da minha tese de doutorado intitulado “*Itinerários pela cidade alta: circuitos e cenários*”.

53 A realização de visitas de campo periódicas, duas a três vezes na semana, mediante a utilização da observação direta registrada em diário de campo, permitiu-me captar elementos capazes de enriquecer a caracterização: as formas de organização dos espaços; os atores sociais típicos (quem compra e quem vende/faixa etária/gênero/aparência física/maneira de vestir/maneirismos); os tipos de produtos comercializados; as estratégias diárias dos comerciantes no que tange a negociação com a clientela, com os seus modos de sociabilidades e as interações sociais cotidianas. No universo da minha experiência de campo, os encontros e a convivência com esse grupo de comerciantes constituíram momentos privilegiados, nos quais eles puderam dar sentido às suas experiências sociais. Ou seja, foi uma ocasião em que, através das palavras, puderam formular os modos pelos quais atribuem um significado respeitante as suas vivências, e nos quais foi possível observar e participar do cotidiano deles nos lugares onde desempenham suas atividades. No decorrer das minhas incursões por esses espaços, realizei entrevistas focais e diálogos informais com onze (11) informantes, dentre eles cinco comerciantes da Avenida Sete, cinco do Largo Dois de Julho e um proprietário de um estabelecimento comercial da Avenida Sete, que mora na região há mais de quarenta anos e prontificou-se em falar sobre aspectos da história social da região.

54 A região do Centro Antigo de Salvador é uma área delimitada pela lei municipal nº 6.586 de 2004, do Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano do Município de Salvador (PDDU). Nessa região, considera-se Centro Histórico de Salvador (CHS) o espaço tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 1984 e reconhecido como Patrimônio Cultural da Humanidade pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) em 1985. O CHS possui uma área de 0,8 km², que se inicia próxima ao Mosteiro de São Bento e segue até o Forte Santo Antônio Além do Carmo.

é, por excelência, o espaço público que é entendido como patrimônio coletivo dos habitantes da cidade⁵⁵. Essa região da cidade caracteriza-se por possuir um comércio denso e heterogêneo, conjugando um forte comércio varejista “popular” com intensos fluxos de comércio de rua. Geralmente, os comerciantes iniciam as atividades a partir das seis horas da manhã e o desmonte das bancas acontece por volta das seis e/ou sete horas da noite, o mesmo horário em que as lojas e os demais estabelecimentos encerram o expediente.

Essa região concentra um número bastante considerável de comerciantes de rua, uns exercem a atividade de acordo com as normas estabelecidas pela municipalidade e outros estão às margens dessas normas.⁵⁶ Os comerciantes de rua credenciados pela Prefeitura realizam a venda em locais indicados por essa instituição pública, os espaços habitualmente designados por camelódromos⁵⁷, ou ainda em pontos da Avenida previamente recomendados (no caso das baianas de acarajé, de vendedores de lanche).

Os comerciantes de rua não registrados, se estabelecem nas calçadas, nas esquinas ou em frente à porta das lojas varejistas e, para expor seus produtos, utilizam caixas de madeira ou de papelão adaptadas como bancas ou tabuleiros no chão. Essa estratégia de exposição das mercadorias permite que os potenciais consumidores possam tocá-las e manuseá-las. Concomitantemente, permite uma maior proximidade na relação de compra e venda, abrindo espaço para a pechincha ou barganha e outras formas de regateio e negociação entre compradores e vendedores, expressando uma forma ritual de compra e venda distinta da de outros centros comerciais, como os shoppings ou supermercados. O preço, nesse caso, pode ser um elemento que enseja uma discussão e a interação.

O comércio praticado nos estabelecimentos, por sua vez, atrai grande contingente de consumidores devido às inúmeras lojas de roupas femininas, eletrodomésticos, calçados, artigos de lar, como: roupa de cama, toalhas de banho e toalhas de mesa, tapetes, capas para almofadas, artigos

55 BOMFIM, Juarez Duarte. *O centro histórico da cidade do Salvador*. Feira de Santana: UEFS, 2010.

56 A criação de locais padronizados para albergar comerciantes de rua segue sendo uma estratégia usada pelo poder público para “disciplinar” esses espaços nos dias de hoje. Novos projetos de realocação dos comerciantes no Centro Antigo têm sido executados. Entre eles, cabe destacar os projetos que preveem a reestruturação e reintegração dos comerciantes em camelódromos temáticos em função do tipo de produto comercializado, a troca de pavimento das ruas, iluminação, paisagismo, barracas padronizadas e coleta regular de lixo. O grupo de comerciantes licenciados é o único beneficiado dessas novas estruturas, os demais grupos têm sido forçados a abandonar o local, já que um dos propósitos desse projeto seria o de devolver as calçadas aos pedestres e reorganizar, desse modo, o comércio de rua na região cf. SANTOS, Orlando. *Dos Cantos aos Camelódromos: Comércio de rua e territorialidade negra no Centro Antigo de Salvador*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Salvador. Universidade Federal da Bahia, 2015, p.41-42.

57 Como já referido, os camelódromos são locais padronizados, escolhidos pela autoridade municipal para que comerciantes de rua com licença possam exercer a sua atividade. Segundo as estimativas da Secretaria Municipal de Ordem Pública (SEMOP), existem, em Salvador, aproximadamente, 11.500 comerciantes de rua cadastrados e cerca de 40 mil trabalhando sem licença da Prefeitura. Desse contingente, estima-se que cerca de 966 ambulantes trabalhem na Avenida Sete. Os comerciantes credenciados pagam uma taxa anual que varia entre R\$ 127 e R\$ 150. A respeito dos tramites para solicitação de licença.

de decoração para casa. O que explica a estratégia, dos comerciantes de rua, de se estabelecer nas calçadas, nos passeios e em frente às lojas, pois assim, instituem um contato direto com a potencial clientela que afluí para essas lojas.

A esse grupo de comerciantes de rua que realiza a atividade nos passeios, em frente às lojas de comércio varejista e demais instituições presentes na região, juntam-se os operadores contratados pelas lojas para angariar clientes para seus estabelecimentos. Com megafones, microfones ou distribuindo pequenos panfletos, anunciam compra e venda de ouro, consultas médicas (nas mais variadas especialidades), conserto de celulares, empréstimos bancários, venda de peças de roupa íntima, de tecidos ou de produtos eróticos nos pequenos *sex shops* que timidamente vão surgindo nessa região da cidade. “Sex shop, temos todos os tipos de produtos eróticos”, anuncia a funcionária enquanto distribui os panfletos aos transeuntes.

Para obter sucesso nas vendas e atrair um número maior de clientes, os vendedores lançam mão de um conjunto variado de táticas. A criatividade e a empatia tornam-se estratégias-chaves nessa situação social de negociações. O humor, o apelo e a inovação constituem três grandes elementos que compõem o pregão. Compreender o mundo social do comércio nas ruas do Centro Antigo é, também, entender a linguagem que se utiliza nesse espaço. Partindo desse pressuposto, pode-se dizer que os comerciantes operam num terreno no qual impera um atendimento quase que personalizado, quer seja com os seus clientes no decorrer do “ritual de negociação”, quer seja com as entidades fiscalizadoras ou com os seus colegas de venda.

Um aspecto que se destacou durante o período de realização da pesquisa de campo nessa região é a maior presença de homens exercendo a atividade em relação à de mulheres. Essa maior participação masculina observada no contexto da pesquisa efetuada no Centro Antigo de Salvador também tem sido verificada nos estudos desenvolvidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística⁵⁸ e por autores como Guimarães, Druck e Oliveira⁵⁹. Embora não se tenha verificado nenhuma forma rígida de estratificação de atividades em termos de gênero e geração, constatei que homens e mulheres mais velhos tendem a se dedicar à venda de lanche, água, refrigerante, água de côco, acarajé, cafezinho, mingau, balas, pastilhas, cigarro. Penso que tal estratificação, embora não seja rigorosa, tem a ver com a própria complexidade característica de cada atividade, sendo que umas exigem mais experiência, outras demandam maior esforço físico, ao passo que outras requerem maior dinamismo e mobilidade.

58 cf. IBGE. Economia informal urbana. Rio de Janeiro: 2005. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/ecinf/2003/ecinf2003.pdf>. Acesso 17 de janeiro de 2009.

59 DRUCK, Graça; OLIVEIRA Luiz Paulo. A condição “provisória permanente” dos trabalhadores informais: o caso dos trabalhadores de rua da cidade de Salvador. *Revista VeraCidade*, (s/l), ano 3, n. 3, 2008; GUIMARÃES, Iracema Brandão. Maturidade e experiência em atividades informais de baixa renda. *Caderno CRH*, Salvador, v. 17, n. 42, p. 389-404, 2004.

Essa predominância de homens observada no contexto de Salvador contrasta com a realidade de Luanda, na qual os dados apontam para uma visível predominância das mulheres em relação ao número de homens nas atividades de comércio de rua. A par disso, e tendo como referência o contexto luandense, constatei que a busca pela inclusão social tem originado um relativo deslocamento da tradicional estratificação sexual das atividades comerciais de rua, criando um deslocamento dos tradicionais papéis de gênero.⁶⁰ Foi constatado que, na busca pela satisfação dos anseios pessoais, os indivíduos mobilizam um grande potencial criativo que extrapola a tradicional estratificação de gênero. Dessa feita, atividades até então tidas como “femininas” ou “masculinas” passaram a ser vistas como lucrativas, o que faz com que tanto homens como mulheres entrem para o mercado rompendo com esses tradicionais papéis de gênero⁶¹. A esse respeito, no decorrer da pesquisa de campo em Luanda, constatou-se o surgimento de novas atividades dentre as quais aquela exercida por jovens designados por “pintores”. Trata-se de uma atividade ambulante de manicure e pedicure, exercida por jovens rapazes. Esses jovens exercem a sua atividade com bastante habilidade e assim vão ganhando espaço numa atividade habitualmente exercida por mulheres ou associada ao “universo feminino”.

Questionados acerca da atividade que realizam e, se havia alguma dificuldade em desempenhar uma atividade outrora tida como feminina, um dos “pintores” afirmou o seguinte: “antes eram as mulheres, agora somos nós”. Relativamente a aprendizagem do ofício, os jovens confidenciaram que esta é feita através da observação do quotidiano de amigos que trabalham em salões de beleza.

Ainda sobre o aspeto relacionado aos papéis de gênero, constatou-se uma tendência das vendedoras mais velhas apresentarem opiniões mais conservadoras. Uma comerciante sexagenária, questionado sobre o assunto, afirmou o seguinte:

60 Ducados (2002, 2004), dentre outros aspetos, têm chamado à atenção para o facto dos rendimentos das mulheres que se encontram no mercado de trabalho informal começaram a causar um sério conflito cultural, pondo em causa a capacidades dos homens de ganhar rendimentos e o papel tradicional dos dois sexos na família. Na opinião dessa autora, a guerra e o seu impacto social contribuíram para o aumento do fardo de trabalho das mulheres, na medida em que estas têm assumido uma maior responsabilidade pelas atividades desenvolvidas tradicionalmente pelos homens, como a provisão do lar, a disciplina dos filhos, a construção e a reparação de casas, o contacto com os líderes comunitários e o cumprimento de obrigações sociais e religiosas. Num estudo similar, mas reportando para o contexto moçambicano, Sónia Frias (2008) analisa as atividades de um grupo de comerciantes de produtos alimentares na cidade de Maputo. O estudo ressalta como estas mulheres, em tempo de crise, souberem converter o conjunto rotineiro de saberes e competências domésticas em fatores criativos e competentes de intervenção na luta contra a pobreza. Deste modo: “num número crescente de casos, em Maputo, uma substancial fatia dos rendimentos familiares são hoje garantida pelas mulheres, dado que o desemprego masculino e os salários muitos baixos não permitem que os homens, que apesar de tudo continuam estatisticamente a constituir o maior número de indivíduos com empregos formais, continuem de facto a chefiar, em termos económicos e decisórios o agregado familiar” cf. FRIAS, Sónia. “Intervenção feminina na luta contra a pobreza. Estudo realizado junto de comerciantes informais da cidade de Maputo – Moçambique”, *Desenvolvimento Social, Montes Claros*, nº 2, Dez, pp. 43-52, 2008, p.46.

61 São exemplos, a atividade de câmbio de divisas que foi iniciado por mulheres e que agora é também exercida por homens designados por doleiros, com destaque para imigrantes vindos das mais variadas regiões do continente africano.

Está mal, está mal. O homem coisa dele é mesmo só trabalhar nas empresas. Há homens que zungam roupas lá na baixa, aqueles papás mesmo, a venderem coisinhas na baixa. É sofrimento ou não? Um homem grande que dá para trabalhar? Negócio dos homens é vender pastas, mala, rádios. As mulheres também são outros negócios água, zungar água; vender tomate mesmo na zunga; coxas de frango. Antigamente, o homem trabalhava, a mulher mesmo que não tem esperava lá em casa o marido trazer qualquer coisa, o homem só diz: “toma”. Mas, agora já não está a existir isso, é mulher no mercado, marido também no mercado. O homem a vender ali, a mulher a vender aqui. É isso que nós estamos a ver.

Tanto em Luanda como em Salvador, constatei que o uso da força física no carregamento e o transporte de mercadorias na cabeça são traços característicos em determinadas atividades de rua atuais e de outros períodos. É necessário lembrar que a forma de transportar mercadorias durante muito tempo representou uma marca social do lugar subalterno que as populações africanas e seus descendentes ocupavam na estrutura social da sociedade escravista e posteriormente na colonial mas, também podem configurar elementos socioculturais que têm a ver com diversas maneiras de se realizar certos tipos de atividades.

No contexto de Luanda existe uma categoria de trabalhadores informais que se dedica ao carregamento de mercadoria, localmente designados por “Roboteiros, carregadores e/ ou trabalhadores”. Tratam-se de indivíduos do sexo masculino com idades compreendidas entre os 16 aos 30 anos, que se concentram nos arredores de feiras, mercados, armazéns, dedicando-se ao transporte de mercadorias diversas, quer em carrinhos improvisados de mão especialmente fabricados para o efeito ou até mesmo a cabeça. No caso das mulheres que exercem atividade de venda ambulante, o transporte de produtos é feito, de modo geral, a cabeça, para efeito utiliza-se, habitualmente, recipientes como cestos, bacias, tabuleiros ou ainda o pano da costa.

Com algumas semelhanças, constatou-se em Salvador, nas atividades realizadas de maneira andante, a utilização de carrinhos móveis improvisados e/ou adaptados para transporte de mercadorias.⁶² A utilização criativa desses meios facilita a locomoção dos vendedores assim como permite que, em determinados períodos do dia, alternem a venda entre vários pontos da região. Movendo-se de um ponto para outro, criam conexões entre esses diversos espaços de comércio espalhados pela cidade alta, e tornam a Avenida Sete o elo que conecta os demais lugares (Carlos Gomes, Dois de Julho e Campo Grande). Aliás, vale ressaltar que as fronteiras entre Avenida Sete, Carlos Gomes e Dois de Julho são bastante tênues, principalmente pela existência, ao longo da Avenida Sete, de becos e ruelas que dão acesso direto à Avenida Carlos Gomes e ao Largo Dois de

62 Carrinhos de supermercado e de bebê usados são adaptados para o transporte das mercadorias. O isopor é empregado para a venda de água mineral, cerveja, refrigerante e suco.

Julho, o que acaba por facilitar a mobilidade de comerciantes e transeuntes pelos diversos espaços de venda.

Ainda sobre o Centro Antigo de Salvador, atividades como a venda itinerante de café é quase que exclusivamente masculina. Durante toda fase de pesquisa nessa região, lembro ter visto uma única mulher exercer esse tipo de atividade. Os vendedores de café são geralmente comerciantes itinerantes, que se locomovem com seus tradicionais e criativos carrinhos contendo potentes caixas de som que, às vezes, chegam a se igualar ao som de um trio elétrico. Eles transitam entre a Avenida Sete, a Carlos Gomes e o Campo Grande tocando reggae de Bob Marley, Alpha Blondy, Lucky Dube, Peter Tosh, pagode, e arrocha de cantores locais, despertando a atenção dos demais comerciantes e transeuntes.

Entre tradições locais e tendências globais

Foi possível constatar que, nos contextos em análise, os comerciantes mais jovens e, com mais apetência em estarem atualizados com as tendências da “globalização”, tendem a se concentrar no comércio de mercadorias manufaturadas: CDs e DVDs, relógios, bolsas, celulares e acessórios, notebooks, *pendrives*, bijuterias, calçados, roupa masculina como bermudas e camisas de time de futebol, e toda sorte dos chamados produtos “pirateados”. Eles estão inclinados a formar pequenas lojas de tecnologia improvisadas a céu aberto. Assim, os jovens vendedores de CDs e DVDs são os que trazem as novidades da cinematografia *hollywoodiana*, do cinema nacional, bem como dos sucessos da música local e internacional.

Gilberto, jovem negro de 28 anos, nascido em Salvador, faz parte desse grupo. Lembro-me de que no período em que conversamos, no dia 24 de julho de 2013, ele trabalhava na Avenida Sete sem licença da Prefeitura. Gilberto havia abandonado o ofício de ajudante de pedreiro, em São Caetano, bairro onde residia, e decidido montar uma banca de venda de CDs e DVDs na Avenida Sete, onde trabalha de segunda-feira a sábado, das nove horas da manhã às cinco da tarde. O jovem comerciante afirma que, embora o trabalho seja pesado, tem como benefício a aquisição do equivalente a mais de um salário mínimo e a ausência de um patrão a lhe dar ordens. Para ele, o segredo das boas vendas é “vender o que as pessoas querem comprar e ter sempre as novidades do momento”. Gilberto ainda não estava registrado na Prefeitura, por isso exercia a atividade de modo clandestino. Sobre a questão de trabalhar a margem das normas, o jovem comerciante desabafa:

O rapa só faz atrapalhar nosso trabalho. Quer dar pancada e tomar a mercadoria. Mas emprego tá difícil e o rapa não devia espancar e prender mercadoria de gente trabalhadora como nós. Agora, prender ladrão, eles não prendem. Só querem dificultar a vida de gente batalhadora (Gilberto, 24/07/2013).

Essa categoria de comerciantes que pratica a venda de mercadorias “globais” é denominada, por Durães, de camelôs de tecnologia ou de camelôs globais⁶³. Trata-se de um subgrupo de vendedores que se encontra mais diretamente envolvido no processo que Ribeiro designa por “globalização econômica de baixo para cima”, ou seja, “globalização popular”.⁶⁴

Ainda a respeito do aspeto geracional e reportando o leitor para o contexto de Luanda, foi possível constatar uma tendência por parte dos comerciantes mais jovens em alcançar maiores níveis de escolaridade e uma forte vontade em conciliarem os estudos com as atividades de venda. Este grupo de comerciantes jovens parece ter outra maneira de estar na atividade informal, uma vez que esta é vista por eles não como algo permanente, mas como um trampolim que permite alcançar outras aspirações sociais. Para estes, o comércio de rua se constitui num espaço social que permite o prosseguimento dos estudos, ao mesmo tempo que garante a sobrevivência econômica das suas famílias. Na prática, o comércio de rua constitui, simultaneamente, um lugar onde vão buscar meios de sobrevivência, bem como uma alternativa de captar recursos para realização de outros anseios pessoais e profissionais.

A par dos que comerciam produtos globais, também marcam presença no comércio de rua das duas cidades um outro conjunto de operadores que designo de tradicionais. Do conjunto dessas atividades, duas se destacaram: a venda de certos tipos de comida na rua e a comercialização de produtos relacionados às práticas medicinais e religiosas oriundas de tradições culturais angolanas, afro-brasileiras e indígenas. Como abordado no início deste trabalho, a venda de comida de rua participa da trajetória social, cultural, nutricional e econômica de Salvador assim como de Luanda.

No caso de Salvador, determinados tipos de atividades, como a venda no tabuleiro das baianas de acarajé, são hoje considerados patrimônio cultural e constituem uma herança que vem desde os trabalhos das mulheres "ganhadeiras" que se acoravam nas vias públicas, esquinas e praças com quitutes e iguarias trazidas das senzalas, mesclando as tradições africanas, portuguesas e indígenas.⁶⁵

63 DURÃES, Bruno. *Camelôs globais ou de tecnologia: novos proletários da acumulação*. Salvador: EDUFBA, 2013.

64 De acordo com Ribeiro, a globalização popular se apoia fortemente na existência de superlogomarcas e na presente capacidade de realizar cópias tão perfeitas que se torna cada vez mais difícil ou irrelevante identificar as diferenças entre produtos falsificados e originais. Trata-se de um processo que congrega uma multiplicidade de agentes sociais como produtores, vendedores e consumidores. Grande quantidade das mercadorias aí comercializadas é de produtos piratas e, geralmente, o comércio desse tipo de mercadorias é visto como ilegítimo do ponto de vista do poder público cf. RIBEIRO, Gustavo Lins. A globalização popular e o sistema mundial não hegemônico. *RBCS*, São Paulo, v. 25, n. 74, p. 22-38, 2010, p. 34.

65 De acordo com a tradição religiosa do Candomblé na Bahia, atividades como a venda de acarajé e de iguarias similares estão, historicamente, associadas à comida ritual da religião. Conforme assegura Paim, “o fato de estarem associados aos orixás denota seu caráter sagrado” e de integração do “repertório cultural de parte da população baiana nos tempos da escravidão” CF. PAIM, Márcia Regina da Silva. *Do Sete a São Joaquim: o cotidiano de “mulheres de saia” e homens em feiras soteropolitanas (1964-1973)*. 2005. 151p. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005, p. 23.

Essa combinação torna esse espaço um ambiente que mescla práticas de venda tidas como tradicionais, com práticas de venda de produtos tecnológicos ou globais. Entendo que falar de tradição não é necessariamente sinônimo de falar de algo retrógrado ou estático. Pelo contrário, concebo-a como um aspeto dinâmico da realidade social que faz parte da própria vida das pessoas. Nesse sentido, ela não necessariamente se confunde com o passado, muitas vezes até o transcende⁶⁶.

No caso particular das atividades de comida e produtos naturais, constatou-se que, para o seu exercício, é necessário mobilizar saberes adquiridos em outros momentos dos percursos de vida dos indivíduos, sejam eles de caráter ocupacional ou familiar. Este último aspeto, pode ser observado no depoimento de Cláudio⁶⁷, no qual afirmou que para montar o próprio negócio fez recurso aos aprendizados de conhecimentos das ervas adquiridos com a sua avó, uma mulher de origem indígena que detinha profundo conhecimento de ervas e plantas medicinais. Segundo as palavras desse meu interlocutor “todo esse conhecimento eu herdei da minha avó. Quando ela faleceu, decidi dar continuidade ao que aprendi com ela. É a raiz, nê?”.

Importar sublinhar que, no contexto brasileiro, as plantas no universo das religiões afro-brasileiras são usadas para propósitos ritualísticos e de rotina pelas comunidades de terreiros. E na medicina popular ou nos sistemas de crenças afro-brasileiros, as plantas detêm um duplo papel: sacral e terapêutico. Deste modo, o consumo de folhas e objetos de uso medicinal, para obrigações religiosas, iniciações e outros ritos particulares, compõem uma verdadeira economia do sagrado (SOUZA, 2010).

Na outra margem do Atlântico, ou seja, em Luanda, também tive contato com comerciantes que se dedicam a venda de produtos ligados ao universo simbólico-religioso. É nesse âmbito que enquadro a figura de Dona Domingas, 48 anos, vendedora e terapeuta tradicional por mim entrevistada. Filha de pastor protestante e de uma pequena agricultora, Dona Domingas é natural de Pungo Andongo, província de Malange. Em 1979, saiu da província de origem com destino à Luanda. Por altura da entrevista, dedicava-se à venda de raízes medicinais, atividade que conciliava

Também Martini acentua o caráter sagrado do alimento: “o acarajé se encontra, a partir de sua trajetória histórica, no cruzamento entre mercadoria palpável e consumível e um complexo sistema simbólico religioso que permeia os cultos afro-brasileiros, que o construíram como uma oferenda, sem buscar uma separação ou especialização que pudesse diferenciar o plano mercadológico do plano sagrado”. Contudo, importa de igual modo salientar que, na atualidade, a religião tem deixado de ser condição primordial para venda do acarajé, principalmente com a entrada em cena das baianas neopentecostais que têm rebatizado a iguaria com a denominação de “bolinho de Jesus”. cf. MARTINI, Gerlaine Torres. *Baianas do Acarajé: a uniformização do típico em uma tradição culinária afro-brasileira*. 2007. 291p. Tese. (Doutorado em Antropologia) – Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2007, p. 249.

66 KITA, Pierre. *Education Traditionnelle*. São Paulo: FEUSP, 2004. A propósito, Montanari assinala textualmente que “o que chamamos de cultura coloca-se no ponto de intersecção entre tradição e inovação. É tradição porque constituída pelos saberes, pelas técnicas, pelos valores que são transmitidos. É inovação porque aqueles saberes, aquelas técnicas e aqueles valores modificam a posição do homem no contexto ambiental, tornando-o capaz de experimentar novas realidades. Inovação bem-sucedida: assim poderíamos definir a tradição. A cultura é a interface entre as duas perspectivas” cf. MONTANARI, Massimo. *Comida como cultura*. São Paulo: Senac, 2008, p. 27.

67 Dados da entrevista realizada com Cláudio, comerciante de produtos medicinais e religiosos, em 16/10/2012.

com o ofício de terapeuta tradicional. Ao narrar como ocorreu a sua iniciação nas práticas de terapia tradicional, a minha interlocutora fala de uma influência dos espíritos dos antepassados e do chamamento divino. Pois segundo esta:

Antes de começar este negócio, fiquei maluca. Para fazer este serviço, primeiro os santos me pegaram. Tive de xinguilar, tive de zambular.⁶⁸ Mas, desde a data que eu estou aqui, estou a crescer mesmo com esse esses meus medicamentos. É Deus mesmo que me dirigiu para eu aprender. Eu? Não foi alguém de dizer, não. Eu dormi, assim que eu durmo, sonho mesmo da forma como o mano está aqui. Alguém está a me dirigir: “Este é raiz de tal”, se já conheço “esta raiz assim, é a raiz X”. Esse é que é o meu serviço.

A presença dessas atividades num contexto de globalização, no qual há uma oferta maciça e padronizada de alimentos industrializados, sinaliza para a existência de pessoas que ainda preferem consumir alimentos tradicionais vendidos nas ruas. Mostra também a prevalência da escolha do alimento tradicional nos serviços de alimentação considerados *street food*, mesmo com a expansão da comida “americanizada” que arrasta multidões para consumir o repertório de sabores ligados a estímulos decorrentes da vida moderna. O que sugere a existência de uma convivência negociada entre tradição e modernidade⁶⁹.

Outrossim, a persistência de certos ofícios, como a venda de comida de rua, a exemplo da venda de acarajé, pôde, dentre outros, ser apontada como estratégias de resistência na medida em que se trata de uma atividade que resistiu às vigorosas investidas do poder público visando a sua extinção. Atualmente considerado patrimônio histórico nacional, o acarajé, iguaria de origem africana, vinda com os africanos trazidos ao Brasil durante o período escravagista e colonial, passou da condição de iguaria da população pobre e escrava para o seu atual *status* de alimento que faz parte do “cartão-postal” de Salvador. Consumido por todas as classes sociais, ele é hoje uma das comidas de rua mais consumidas na cidade, assim como em outras cidades brasileiras.

À guisa de conclusão

O mercado de trabalho e o cenário urbano, serviram de base para pensarmos comparativamente duas cidades, Salvador e Luanda. No início, discorreu-se sobre as conexões socioculturais e históricas entre as duas realidades. Posteriormente, centrou-se o foco desta

68 Em referência ao ato de entrar em posseção.

69 FERREIRA FILHO, Alberto Heráclito. *Quem pariu Matheus, que balance!* Mundos femininos, maternidade e pobreza (Salvador, 1890-1940). Salvador: CEB, 2003; ELOY, Antonia Lúcia de Souza; REIS, Renata Ramos Vieira dos. A comida de rua como ferramenta na preservação dos alimentos tradicionais. In: SEMINÁRIO SOBRE ALIMENTOS E MANIFESTAÇÕES CULTURAIS TRADICIONAIS, 1., 21-13 maio 2012, Sergipe.

abordagem nas dinâmicas sociais urbanas contemporâneas, tendo como base as atividades comerciais praticada nas ruas.

No decorrer dessa análise foram apresentados elementos que sinalizam que, as duas cidades, congregam atividades comerciais que têm algum vínculo com o seu passado comum. Contudo, essas não se mantêm estáticas, têm sido reproduzidas, apropriadas, deslocadas e transformadas, enquanto outras são totalmente novas, inventadas nas práticas e interações da vida cotidiana dos comerciantes.

Constatou-se a existência, nesses espaços sociais, de dinâmicas sociais que combinam “heranças” do passado com práticas mais globais atuais, o que abre possibilidades para um constante processo de reconfiguração cotidiano do espaço urbano, assim como permite uma coabitabilidade de saberes e técnicas antigas com novos e velhos hábitos, e com práticas culturais urbanas.

Os elementos extraídos da literatura e em minhas próprias análises atestam a relevância das atividades comerciais nos atuais contextos socioeconômicos de Luanda e de Salvador. Portanto, para além dos processos sócio-históricos que impulsionam essas atividades, buscou-se ressaltar que, atualmente, essas formas de trabalho e de reinvenção de estratégias de sobrevivência são impulsionadas por fenômenos como globalização, transformações do mercado de trabalho a nível local, nacional e global. O que torna pertinente a sua importância no debate contemporâneo, sendo colocado no centro dos questionamentos ao “paradigma” do trabalho assalariado e das reflexões sobre fenômenos como: integração social, formas de desigualdades, discriminação étnico racial e exclusão social, sugerindo uma análise das dimensões socio-antropológicas e transnacional das práticas da economia informal nesses contextos visto que, o local e o global interagem de maneiras extremamente complexas.

Referências bibliográficas

ALENCASTRO, Luís Felipe. *O trato dos viventes: a formação do Brasil no Atlântico Sul*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

ANDREWS, George R. *América Afro-Latina, 1800-2000*. São Carlos: EdUFSCar, 2007.

ARAUJO, Jean Marcel Oliveira. *Bahia: negra, mas, limpinha*. 2006. 280 p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.

BARRETO, Téo da Rocha. *A precarização do trabalho e da vida dos novos trabalhadores informais: o trabalho flexível nas ruas de Salvador*. 2003. 156 p. Trabalho de Conclusão de Curso

(Bacharelado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003.

BARROQUEIRO, Maria da Conceição Miranda. *Antropologia e Pobreza: contributo para uma leitura antropológica sobre as estratégias informais de luta contra a pobreza de quatro famílias do Concelho de Sesimbra*. 2010. 96 p. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 2010.

BETTENCOURT, José de Sousa. *Subsídio para o Estudo Sociológico da população de Luanda*. Boletim do Instituto de Investigação Científica de Angola 2 (1): p.83-130, 1965.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. *Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora, 1994.

BORGES, Florismar Menezes. *Acarajé: Tradição e Modernidade*. 2008. 133 p. Dissertação (Mestrado em Estudos Étnicos e Africanos) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

BORGES, Jafé (Org.). *Salvador era assim*. Salvador: IGHB, 2001. 2 v.

CARDOSO, Manuel da Costa Lobo. *Luanda antiga*. Luanda: Museu de Angola, 1951.

CARVALHO, Paulo de. *Angola. Quanto tempo Falta para Amanhã? Reflexões sobre as crises política, econômica e social*. Oeiras: Celta Editora, 2002.

_____ Política cambial seletiva. *NGOLA–Revista de Estudos Sociais*, vol. I (1), pp. 219-247, 1997.

CASTRO, Nadya Araujo; BARRETO, Vanda Sá (Org.). *Trabalho e desigualdades raciais: negros e brancos no mercado de trabalho de Salvador*. São Paulo: Annablume/ A Cor da Bahia, 1998.

CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque*. São Paulo: UNICAMP, 2001.

COSTA e SILVA, Alberto da. *Um rio chamado Atlântico: a África no Brasil e o Brasil na África*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Ed. UFRJ, 2003.

COSTA, Lygia; RIBEIRO, Marcelo. Estrutura ocupacional e o mercado de trabalho feminino nas metrópoles do Rio de Janeiro, São Paulo e Salvador nos anos 2000. *e-metropolis*, (s/l), ano 1, n. 2, p. 35-35, Set. 2010.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DEPELCHIN, Jacques. *Por una recuperación de la história africana. De África a Haití a Gaza*. Barcelona: Fahamu/oozebap, 2011.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Senhoras e ganhadeiras: elos na cadeia dos seres. In: *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1984. p. 83-113.

DIEESE. A inserção da população negra no Mercado de trabalho da região Metropolitana de Salvador. Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos, Novembro 2014. Disponível em: <http://www.dieese.org.br/analiseped/2014/2014pednegrossa.pdf>. Acesso: Janeiro de 2015.

DRUCK, Graça; OLIVEIRA Luiz Paulo. A condição “provisória permanente” dos trabalhadores informais: o caso dos trabalhadores de rua da cidade de Salvador. *Revista VeraCidade*, (s/l), ano 3, n. 3, 2008.

DUCADOS, Henda. “A Mulher Após o Final do Conflito”, <http://www.c-r.org/our-work/accord/angola/portuguese/mulher-angolana.php>. <1.Fevereiro.2010>, 2002.

DUCADOS, Henda & FERREIRA, Manuel Eanes. “O Financiamento Informal e as Estratégias de Sobrevivência Econômica das Mulheres em Angola: a kixikila no Município do Sambizanga (Luanda)”, comunicação apresentada ao V Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, Lisboa, 1998.

DUNN, Christopher. A Roma negra e o Big Easy: raça, cultura e discurso em Salvador e Nova Orleans. *Afro-Ásia*, Salvador, n. 37, p. 119-151, 2008.

DURÃES, Bruno. *Camelôs globais ou de tecnologia: novos proletários da acumulação*. Salvador: EDUFBA, 2013.

----- *Trabalhadores de Rua de Salvador: precários nos cantos do século XIX para os encantos e desencantos do século XXI*. 2006. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Estadual de Campinas.

ESPINHEIRA, Gey; SOARES, Antonio Mateus de Carvalho. Pobreza e marginalização: um estudo da concentração e da desconcentração populacional nas metrópoles latino-americanas: o caso de Salvador, no Brasil. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, ABEP, 15., 18-22 set. 2006, Minas Gerais.

FERREIRA FILHO, Alberto Heráclito. *Quem pariu Matheus, que balance! Mundos femininos, maternidade e pobreza (Salvador, 1890-1940)*. Salvador: CEB, 2003.

_____. Desafrikanizar as ruas: elites letradas, mulheres pobres e cultura popular em Salvador (1890-1937). *Afro-Ásia*, Bahia, 2122, 1999.

_____. *Salvador das mulheres: condição feminina e cotidiano popular na Belle Époque imperfeita*. 1994. 224p. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1994.

FRAGA FILHO, Walter. *Encruzilhadas da liberdade: histórias de escravos e libertos na Bahia (1870-1910)*. 2004. 355p. Tese (Doutorado em História), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

FRAGA FILHO, Walter. *Mendigos, Moleques e Vadios na Bahia do século XIX*. São Paulo: HUCITEC; Salvador: EDUFBA, 1996.

FRIAS, Sônia. *Intervenção feminina na luta contra a pobreza*. Estudo realizado junto de

comerciantes informais da cidade de Maputo – Moçambique. *Desenvolvimento Social*, Montes Claros, nº 2, Dez, pp. 43-52, 2008.

FURTADO, Cláudio Alves. Desafios teóricos e metodológicos nos estudos de África: possibilidades e limites. In: Maria Rosário de Carvalho [et al.] (Org.). *Estudos étnicos e africanos: revisitando questões teóricas e metodológicas*. Salvador: EDUFBA, 2014., pp.19-42.

GORDILHO, Ângela. Favelas, invasões e ocupações coletivas nas grandes cidades brasileiras: (Re)-Qualificando a questão de Salvador – BA. *Cad. Metrop.*, São Paulo, n. 5, p. 63-90, 2001.
_____. *Limites do habitar: segregação e exclusão na configuração urbana contemporânea de Salvador e perspectivas no final do século XX*. Salvador: EDUFBA, 2000.

GRAHAM, Richard. *Alimentar a cidade: das vendedoras de rua à reforma liberal (Salvador, 1780-1860)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

GUIMARÃES, Iracema Brandão. Maturidade e experiência em atividades informais de baixa renda. *Caderno CRH*, Salvador, v. 17, n. 42, p. 389-404, 2004.

GUIMARÃES, Iracema Brandão. *Participação familiar e trabalhadores informais*. In XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais, Minas Gerais, 4 a 8 de Dezembro 2002.

HASENBALG, Carlos; SILVA, Nelson do Valle. *Estrutura social, mobilidade e raça*. São Paulo: Vértice; Rio de Janeiro: IUPERJ, 1988.

HEINONEN, Noora. A Cidade alta em alta? Circuitos e cenários das dinâmicas comerciais do centro velho de Salvador. *GeoTextos*, (s/l), v. 1, p. 81-116, 2005.

HEYWOOD, Linda M (Org.) *Diáspora negra no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

HITA, Maria Gabriela. *A casa das mulheres n'outro terreiro: famílias matriarcais em Salvador-Bahia*. Salvador: EDUFBA, 2014.

IBGE. Economia informal urbana. Rio de Janeiro: 2005. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/ecinf/2003/ecinf2003.pdf>. Acesso 17 de janeiro de 2009.

INE. *Resultados definitivos do Recenseamento Geral da População e da habitação de Angola 2014*. Luanda: INE, 2016.

INSPIR/DIEESE. *Mapa da população negra no mercado de trabalho. Regiões metropolitanas de São Paulo, Salvador, Recife, Belo Horizonte, Porto Alegre e Distrito Federal – out.1999*. São Paulo: Centro de Solidariedade AFL-CIO, DIEESE, 1999.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÓMICA E SOCIAL. *O impacto da economia informal na redução da pobreza e exclusão social - Interação com a proteção social - O caso de Angola*. Luanda: 2006. (Versão Preliminar).

KITA, Pierre. *Education Traditionnelle*. São Paulo: FEUSP, 2004.

M' BOKOLO, Elikia. *África negra: história e civilizações. Tomo II (Do Século XIX aos nossos dias)*. Salvador: EDUFBA; São Paulo: Casas das Áfricas, 2011.

MACAMO, Elísio. Modernidade e tradição. In: SANSONE, Livio; FURTADO, Cláudio ALVES (Orgs.). *Dicionário crítico das ciências sociais dos países de fala oficial portuguesa*. Salvador: EDUFBA, 2014, p.363-380.

MACHADO, Rosana Pinheiro. “Tudo isso é a família da gente”: Relações de parentesco entre camelôs e sacoleiros em contextos locais e translocais. *Revista Antropológicas*, Recife, ano 10, v. 17, n. 2, p. 65-94, 2006.

MATA, Henrique Tomé da Costa et al. *Observações sobre elementos distintivos do microempendedorismo informal de rua na cidade de Salvador*. Salvador: FCE/UFBA, 2009.

MATTOS, Wilson Roberto de. *Negros contra a ordem: astúcias, resistências e liberdades possíveis (Salvador, 1850-1888)*. Salvador: EDUNEB/EDUFBA, 2008.

MATTOSO, Kátia M. de Queirós. *Bahia: a cidade do Salvador e seu mercado no século XIX*. São Paulo: Hucitec; Salvador: Secretaria Municipal de Educação e Cultura, 1978.

MIRANDA, Luciete Barreto; SANTOS, Maria aparecida S. C. dos. *Pelourinho: desenvolvimento socioeconômico*. Salvador: Secretaria da Cultura, 2002.

MONSMA, Karl. Prefácio. A história comparativa dos negros da América Latina e dos países que eles ajudaram a construir. In: ANDREWS, George Reid. *América Afro-latina*. São Carlos: EdUFSCar, 2007, p.15-28.

MONTANARI, Massimo. *Comida como cultura*. São Paulo: Senac, 2008.

MOORE, Carlos. *A África que incomoda: sobre a problematização do legado africano no cotidiano brasileiro*. Belo Horizonte: Nandyala, 2010

MURTEIRA, Mário. *Economias e sociedades em transição na África lusófona*. Centro de Estudos Africanos do Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, 1995. Disponível em: <http://www.lusotopie.sciencespobordeaux.fr/resu9521.html>. Acesso: 12 nov. 2007.

PAIM, Márcia Regina da Silva. Do Sete a São Joaquim: o cotidiano de “mulheres de saia” e homens em feiras soteropolitanas (1964-1973). 2005. 151p. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.

PANTOJA, Selma; THOMPSON, Estevam C. (Orgs.). *Em torno de Angola: narrativas, identidades e as conexões atlânticas*. São Paulo: intermeios, 2014.

PANTOJA, Selma. *Uma antiga civilização africana*. Brasília: EDU, 2011.

_____. A dimensão atlântica das quitadeiras. In: FURTADO, Júnia Ferreira (Org.). *Diálogos Oceânicos: Minas Gerais e as novas abordagens para uma história do Império Ultramarino Português*. Belo Horizonte: UFMG, 2001, p. 45-67.

_____. “Da Kitanda à quitanda”, *Revista de História*, Set. 2008 Disponível em: <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/artigos-revista/da-kitandaa-quitanda>. acesso: 09 outubro

de 2009.

_____. Três Leituras e Duas cidades: Luanda e Rio de Janeiro nos Setecentos. In PANTOJA, Selma e SARAIVA, Flávio Sombra (Orgs.). Angola e Brasil nas rotas do Atlântico Sul Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999, p.99-126.

RAPOSO, Isabel & SALVADOR, Cristina. *Há diferença: ali é cidade, aqui é subúrbio. Urbanidade dos bairros, tipos e estratégias de habitação em Maputo e Luanda. Projeto “Urbanização acelerada em Luanda e Maputo: impacto da guerra e das transformações socioeconômicas (décadas 80 e 90)*. Disponível em: <http://www.eadi.org/events/eadi-seminars/eadi-sem-1-03/isabel-raposo-cristina-salvador.html>. Acessado em: 6.jan.2010.

REIS, João. Domingos Sodré, um sacerdote africano: escravidão, liberdade e Candomblé na Bahia do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. De olho no canto: trabalho de rua na Bahia na véspera da abolição. Afro-Ásia, Salvador, n. 24, p. 199-242, 2000.

_____. A greve negra de 1857 na Bahia. Revista da USP, n.18, p.6-29, jul. ago. 1993.

RIBAS, Óscar. *Sunguilando. Contos tradicionais angolanos*. Luanda: União dos Escritores Angolanos, 1989.

RIBEIRO, Gustavo Lins. A globalização popular e o sistema mundial não hegemônico. RBCS, São Paulo, v. 25, n. 74, p. 22-38, 2010.

ROBSON, Paul e ROQUE, Sandra. *Aqui na cidade nada sobra para ajudar: buscando solidariedade e ação coletiva em bairros peri-urbanos em Angola*. Luanda: ADRA, 2000.

ROCHA, Manuel J. Alves da. A globalização económica: desafios e realidades. In: *Opiniões e Reflexões. Coletânea de artigos, conferências e palestras sobre Angola, África e o Mundo*. Luanda: Centro de Estudos e Investigação Científica da Universidade Católica de Angola, 2004.

_____. Ensaio de um balanço crítico. In *Economia e Socialismo*. Revista Trimestral de Economia e Política, Ano X, Nº69/70, Dezembro, 1986, p.109-118.

RODRIGUES, Cristina U. *O trabalho dignifica o homem. Estratégias de sobrevivência em Luanda*. Lisboa: Edições Colibri, 2006.

_____. “Delimitação colonial rígida da mobilidade social às estratégias de sobrevivência e reprodução social diversificadas: análise das formas de dispersão e concentração de recursos económicos e sociais em Luanda e Maputo”, comunicação apresentada ao congresso Lusofonia em África: História, Democracia e Integração Africana, Maputo, 2005.

ROSA, Marcelo C. Sociologias do Sul Ensaio bibliográfico sobre limites e perspectivas de um campo emergente. Civitas Revista de Ciências Sociais, vol. 14, núm. 1, enero-abril, 2014, pp. 43-65

SAMPAIO, Consuelo Novais. 50 Anos de Urbanização Salvador da Bahia no Século XIX. Rio de Janeiro: Versal; Salvador: Odebrecht, 2005.

SANCHES, Maria Aparecida Prazeres. “Sobre o Chão de Salvador”: mercado de trabalho,

hierarquias raciais e relações de gênero (1900-1940). In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 27., 22-26 jul. 2013., Natal.

SANSONE, Livio. Da África ao Afro: uso e abusos da África entre os intelectuais e na cultura popular brasileira durante o século XX. Afro-Ásia, Salvador, n. 24., p. 249-269, 2002.

SANTANA, Ligia Conceição. Itinerários negros, negros itinerantes: trabalho, lazer e sociabilidade em Salvador, 1870-1887. 2008. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

SANTOS, Luiz Chateaubriand Cavalcanti. Lições de desigualdade: Instrução, raça e oportunidades de trabalho em Salvador. Relatório Final. Salvador, 2001. (1º Concurso Negro e Educação, Anped/Ação Educativa, [mimeo]).

SANTOS, Orlando. *Dos Cantos aos Camelódromos: Comércio de rua e territorialidade negra no Centro Antigo de Salvador*. 170 f. 2015. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

_____. Mamãs quitandeiras, kinguilas e zungueiras: trajetórias femininas e cotidiano de comerciantes de rua em Luanda. *Revista Angolana de Sociologia*, n. 8, p. 35-61, 2011.

_____. *Do pregão da Avó Ximinha ao grito da Zungueira: trajetórias femininas no comércio de rua em Luanda*. 2010. 167 p. Dissertação (Mestrado em Estudos Étnicos e Africanos) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.

SCHNAPPER, Dominique. *A compreensão sociológica: como fazer análise tipológica*. Lisboa: Gradiva, 2000.

SLENES, Robert. *Na senzala, uma flor: esperanças e recordações na formação da família escrava – Brasil sudeste, século XIX*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

SOARES, Cecília Moraes. As ganhadeiras: mulher e resistência negra em Salvador no Século XIX. *Afro-Ásia*, Salvador, n.17., p. 57-71, 1996.

SWEET, James H. *Recriar África: cultura, parentesco e religião no mundo afro-português (1441-1770)*. Lisboa: Edições 70, 2007.

THEODORO, Mário. A formação do mercado de trabalho e a questão racial no Brasil. In: THEODORO, Mário (Org.). *As políticas públicas e a desigualdade racial no Brasil: 120 anos*. Brasília: IPEA, 2008.p.15-43.

UZÊDA, Jorge Almeida. A cidade de Salvador e a modernidade da máquina no período de 1935 a 1945. *Bahia Análise & Dados*, Salvador, v. 19, n. 2, p. 603-615, 2009.

VAN-DÚNEM, José Octávio Serra. “Breve abordagem entre o mercado de trabalho e a pobreza: o caso de Luanda”. *Cadernos de Pesquisa*, Cunene: Diocese do Cunene, p. 17-24, 2004.

VENÂNCIO, José Carlos. *O Fato Africano: elementos para uma sociologia de África*. Lisboa, 2000.

_____. *A economia de Luanda e hinterland no século XVIII: um estudo de Sociologia Histórica*. Lisboa: Editorial Estampa, 1996.

VERGER, Pierre; BASTIDE, Roger. Contribuição ao estudo dos mercados nagôs do Baixo Benin. In VERGER, Pierre. *Artigos*. São Paulo: Corrupio, 1992.